Atos 1:6 e o eclipse Do Reino Bíblico

Anthony Buzzard

Publicado originalmente em inglês na seção *The Gospel of the Kingdom* do site Web *Focus on the Kingdom*, editor, janeiro de 2022, sob o título: "***Acts 1:6 and the Eclipse of the Biblical Kingdom***".

Tradução Fernando Coutinho Sánchez, Rancagua, Chile, Septiembre de 2023. (ferjoscousan@gmail.com)

Todas as citações bíblicas neste estudo foram retiradas da versão portuguesa da Bíblia da Almeida Corregida Fiel 2007 (ACF) e estão escritas em *itálico*, salvo indicação em contrário.

Todas as inserções explicativas do autor dentro de um versículo das Escrituras estão entre [colchetes].

Todas as palavras em grego, hebraico, aramaico ou outras línguas estão entre aspas e em "*ITÁLICO*" e/ou transliteradas para o português.

Buzzard, que leciona no Atlanta Bible College, em Morrow, Geórgia, afirma que muitos estudiosos da Bíblia não fizeram justiça à esperança futura de um reino divino envolvendo Jerusalém e a terra de Israel, que ele encontra expressa em Atos 1:6. Muitos dos estudiosos analisados pertencem à tradição reformada, e é justo que prestemos atenção ao ponto de vista alternativo expresso pelo escritor. A relação entre os elementos políticos e espirituais na compreensão do Reino de Deus não é fácil de estabelecer, e uma nova luz sobre o assunto é muito bem-vinda.

Poucas passagens das Escrituras sofreram mais nas mãos de comentários hostis do que o breve e brilhante resumo de Lucas da última conversa de Jesus com seus apóstolos. É da natureza das "últimas palavras famosas" que comuniquem algo de extrema importância. É surpreendente, então, que a última pergunta dos discípulos ao seu Mestre tenha sido alvo da indignação de tantos comentadores. A pergunta dos apóstolos estava relacionada ao tema favorito de Jesus e Lucas, o reino de Deus. Eles lhe perguntaram: "*Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?*" (*Atos 1:6*).

Tem havido uma tendência comum entre os expositores de tratar a questão dos Apóstolos como completamente fora de sintonia com os ensinamentos de seu Senhor. Sua pesquisa supostamente revela uma compreensão tragicamente inadequada do tema central do Cristianismo. Como, pergunta-se, poderiam esses associados de Jesus ainda se apegar tão obstinadamente à noção grosseira de uma restauração teocrática do reino como uma renovação do império davídico na terra, típica das supostas falsas esperanças do judaísmo? Felizmente, prossegue o argumento, a vinda do Espírito no Pentecostes resgatou os apóstolos da sua compreensão grosseiramente literal do reino de Deus e baniu para sempre a esperança nacional judaica que eles nutriam.

A resposta de *William Barclay* à pergunta de despedida dos discípulos em *Atos 1:6* é típica. Ele se desespera com a capacidade dos discípulos de compreender o significado da mensagem do reino de Jesus, o cerne do seu Evangelho:

> O problema é que [Jesus] queria dizer uma coisa com Reino e aqueles que o ouviam queriam dizer outra coisa muito diferente... Os Apóstolos esperavam o dia em que, através da intervenção divina, a soberania mundial com que sonhavam seria deles. Eles conceberam o Reino em termos políticos. **[1]**

Bruday então nos dá o que considera a verdadeira definição do reino. É "uma sociedade na terra onde a vontade de Deus seria feita tão *perfeitamente como no céu", **[2]** como mostram as frases paralelas da Oração do Pai Nosso: "venha* o teu reino" com "*seja feita a tua vontade, assim na terra…*". Tal reino nunca seria baseado no poder. **[3]**

O objetivo deste artigo é sugerir que uma série de equívocos teológicos profundamente arraigados estão subjacentes à atitude desdenhosa dos comentadores em relação à questão dos discípulos sobre a restauração de Israel. A desaprovação dos apóstolos em *Atos 1:6* revela mais sobre os preconceitos dos expositores do que a verdade das Escrituras e suprime informações bíblicas de vital importância sobre o futuro do reino de Deus. Um ataque aos apóstolos em *Atos 1:6* implica um ataque a Jesus que os ensinou. Só recentemente os comentários começaram a ser objetivos o suficiente para ver que nada no texto sugere que Lucas queira que vejamos os apóstolos como estando em descompasso com as intenções de Jesus. O bom senso exigiria que os discípulos recebessem crédito por não fazerem a pergunta errada, mas sim a pergunta certa. Afinal, eles estiveram na companhia de Jesus desde o início. Eles ouviram Jesus pregar e ensinar as Boas Novas sobre o reino dia após dia. Eles próprios foram enviados publicamente para proclamar o mesmo Evangelho do reino (*Lucas 9:2, 6*, etc.). Jesus os elogiou pelo seu conhecimento especial do plano divino associado ao reino (*Mateus 13:51*). Jesus havia sondado a sua compreensão das parábolas do reino para ter certeza de que entendiam o seu significado (*Mateus 13:11*). Para completar seu treinamento sobre a questão-chave do reino de Deus, os discípulos participaram de um "seminário" intensivo de quarenta dias sob a tutela do Jesus ressuscitado na terra (*Atos 1:3*), enquanto ele lhes explicava as Escrituras (*Lucas 24:32, 45*). Parece incrível que depois de toda esta exposição às instruções de Jesus eles não pudessem ter entendido completamente o que o reino significava.

A atitude antipática dos comentadores relativamente à noção do reino como uma restauração da soberania de Israel aponta para uma falha grave naquilo que a teologia tradicionalmente pensava que Jesus queria dizer com o reino de Deus. Visto que a resposta de Jesus aos apóstolos apenas os alerta sobre o momento da restauração esperada, é intrigante que os comentadores se sintam justificados em acrescentar ao texto a sua própria bateria de argumentos para uma visão mais elevada do reino de Deus. Seu argumento constante é que o reino cristão é espiritual e não político **[4]**. Os discípulos agarraram-se a noções "grosseiramente judaicas" sobre o futuro. Uma ampla gama de comentários revelará a seriedade das críticas dirigidas aos primeiros seguidores de Jesus.

Um estudo histórico

O comentário de *Jamieson, Fausset* e *Brown* é um dos poucos de seu tempo **[5]** que não segue o padrão usual de condenação:

> Visto que a sua pergunta certamente implica que eles procuravam alguma restauração do Reino a Israel, eles não são repreendidos por isso nem contraditos. Dizer, como fazem muitos expositores, que a resposta de nosso Senhor tinha essa intenção, não é simplesmente ouvir o que ele diz, mas impor às suas palavras o que os homens pensam que deveriam significar. **[6]**

Com muito menos simpatia, *H.A.W. Meyer*, escrevendo em 1884, deplora a falta de compreensão dos apóstolos:

> Com o seu "a Israel" revelam que ainda não deixaram de se envolver nas esperanças messiânicas judaicas, segundo as quais o Messias estava destinado ao povo de Israel como tal; compare, *Lucas 24:21*. **[7]**

"*The Pulpit Commentary*" (O Comentário do Púlpito) **[8]** reagiu de forma semelhante:

> Mesmo depois da crucificação e ressurreição do Mestre, eles perguntaram: "*Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?*" Foi só depois do derramamento do Espírito Santo no Pentecostes que a sua visão imperfeita foi corrigida e eles compreenderam o que Cristo quis dizer quando disse: "*O meu Reino não é deste mundo*". Os procedimentos terrenos do Messias foram objeto das discussões mais acirradas. expectativas e a base das aspirações nacionais. **[9]**

Os comentários subsequentes sobre a nossa passagem são implacavelmente duros. Os escritores do Livro de Atos mantiveram um fluxo constante de reações negativas à ideia de que o reino poderia de alguma forma ser compatível com uma restauração nacional de Israel. A tendência foi estabelecida por Calvino, que não simpatizava com o messianismo, que declarou que…

> … há mais erros na pergunta [em *Atos 1:6*] do que palavras.... Sua cegueira é notável, pois quando foram tão completa e cuidadosamente instruídos durante um período de três anos, eles não revelaram menos ignorância. que se eles nunca tivessem ouvido uma palavra... **[10]**

A crítica de *Calvino* envolve onze erros. Ele não detalha suas objeções, exceto para dizer que os apóstolos confundem o reino de Cristo com um reino que pertence a Israel. *Calvino* está evidentemente zangado porque os apóstolos não abandonaram o seu judaísmo e o substituíram por uma atitude mais "cristã".

Os comentários da segunda metade do século passado persistiram no ataque à suposta falta de jeito dos apóstolos. *Albert Bames*, escrevendo em 1863, aproveitou a oportunidade para corrigir os apóstolos e refletir sobre os perigos do preconceito:

> Os apóstolos haviam acolhido a opinião comum dos judeus a respeito do domínio temporal do Messias. Eles esperavam que Ele reinasse como príncipe e conquistador e os libertasse da escravidão dos romanos. Muitos exemplos desta expectativa ocorrem nos evangelhos, apesar de todos os esforços que o Senhor Jesus fez para explicar-lhes a verdadeira natureza do seu Reino. Esta expectativa foi controlada e quase destruída pela sua morte (*Lucas 24:21*) ... No entanto, embora a sua morte tenha controlado as suas expectativas e parecesse frustrar os seus planos, o seu regresso à vida os excitou novamente... e como não duvidaram agora que ele restauraria o Reino a Israel, perguntaram-lhe se o faria naquele momento. Eles não lhe perguntaram se ele faria isso ou se eles tinham opiniões corretas sobre o seu reino; mas, tendo isso como certo, perguntaram-lhe se era essa a hora em que ele faria isso. A ênfase da pergunta está na expressão "*neste tempo*" e, portanto, a resposta do Salvador refere-se apenas a este ponto da sua pergunta e não à correção ou incorreção de suas opiniões. Destas expectativas dos Apóstolos podemos aprender: **1.** Que não há nada tão difícil de eliminar da mente como o preconceito em favor de opiniões errôneas. **2.** Que tal preconceito sobreviverá à mais clara evidência em contrário. **3.** Que muitas vezes se manifestará mesmo depois de todos os meios adequados terem sido tomados para subjugá-lo. As opiniões errôneas mantêm, assim, uma predominância secreta na mente de um homem e são revividas pelas menores circunstâncias, mesmo muito depois de

> supormos que tivessem sido superadas; e mesmo diante da mais clara evidência da razão ou das Escrituras. **[11]**

No presente século, o óbvio carácter judaico da pergunta dos discípulos foi apontado e rejeitado, ao estilo de *Hamack*, como uma concha inútil dentro da qual devemos procurar o verdadeiro reino "espiritual". O cristianismo primitivo é expresso na linguagem do messianismo judaico, prossegue o argumento, mas a essência da fé está em outro lugar. O Comentário *Clarendon* explica *Atos 1:6* da seguinte forma:

> A questão é formulada na linguagem da antiga esperança messiânica judaica. A Restauração do Reino em Israel era a frase usual para o estabelecimento final da teocracia e a renovação espiritual da humanidade que tinha sido o ponto mais alto da expectativa profética e apocalíptica entre os judeus. Esta esperança foi entendida num sentido materialista e nacionalista (como uma promessa de uma era de prosperidade material e de império mundial judaico) por alguns, mas não por todos. É evidente que os discípulos pressentiam que se aproximava uma crise histórica da Acão divina, embora também não compreendessem qual seria a sua natureza. **[12]**

Numa nota sobre a esperança messiânica, é feita uma tentativa de distinguir entre a pregação cristã e a sua roupagem judaica:

> Grande parte da pregação cristã em Atos é expressa na linguagem do messianismo judaico que é necessário um "*excursus*" sobre a esperança messiânica judaica para compreender o seu significado... O governo de Deus acabaria por ser estabelecido e esta teocracia reavivada significaria a renovação. de Israel, e através de Israel das nações como dependentes espirituais do Monte Sião. **[13]**

O valor deste comentário reside na descrição concisa do conteúdo da esperança revelada pela pergunta dos apóstolos. Eles esperavam o restabelecimento da prometida teocracia davídica. A discussão sobre o reino de Deus (*Atos 1:3*) provocou uma resposta entusiástica por parte dos discípulos. A menção do Espírito Santo (*Atos 1:5*) no mesmo contexto levou naturalmente à suposição de que finalmente havia chegado o tempo para a manifestação do reino messiânico descrito pela profecia do Antigo Testamento. Portanto, nossa passagem, longe de ser uma indicação de ignorância apostólica, é de extrema importância para revelar a mente apostólica sobre a escatologia e a natureza do reino de Deus. No entanto, os comentários parecem ter desconsiderado o testemunho de Lucas e dos apóstolos sobre as primeiras visões cristãs do futuro.

O extenso estudo de *John Bright* sobre o tema bíblico do reino de Deus **[14]** fornece mais um exemplo de comentário que expressa choque com o nacionalismo envolvido nos comentários finais dos discípulos sobre o reino:

> A esperança messiânica de Israel estava, portanto, terrivelmente ligada à linhagem de David, a Jerusalém e ao Templo… significava que, enquanto durasse o Estado, cada rei na mente popular era um Messias em potencial. Ajudou a gerar a ilusão nacional de que, embora Judá pudesse ser dizimada, Jerusalém e o Estado Davídico nunca poderiam ser destruídos… significava que quando aparecesse aquele que era a realização desse anseio, os homens exigiriam dele coisas que eram não está em seu poder. É da sua natureza dizer: "*Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?*" (*Atos 1:6*) **[15]**

A questão frenética do Judaísmo seria: "*Senhor, restaurarás o reino a Israel neste momento?*" **[16]** Surpreendentemente, mesmo *George Ladd*, cuja simpatia pelo pré-milenismo é bem conhecida, foi incapaz de quebrar. longe da tradição expositiva que se opunha ao que era percebido como ideias judaicas e, portanto, por definição não-cristãs, do reino de Deus. *Ladd* destacou que…

> … A frase "*o que remisse Israel*" [*Lucas 24:21*] ... não se refere à redenção dos homens dos seus pecados. No seu contexto atual, a frase significa libertar Israel da sua escravatura a potências estrangeiras. **[17]**

Ele ressaltou que

> Este mesmo sentimento é expresso em *Atos 1:6*, onde Lucas resume a atitude dos discípulos com a pergunta: "*Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?*" Os discípulos ainda procuravam um salvador nacionalista e político para o povo de Israel, uma esperança que encontramos na literatura apocalíptica. **[18]**

Ele acrescenta (embora Lucas não diga isso): "*Jesus os repreendeu por não entenderem os escritos proféticos*". **[19]**

Uma mudança de atitude

Na mesma década há uma clara mudança de opinião no tratamento que os comentaristas dão às evidências "inconvenientes" de *Atos 1:6*. Um exame objetivo do texto revelou que nem Lucas nem Jesus, a quem ele se reporta, demonstraram o menor desconforto ou surpresa diante da perspetiva da restauração do reino a Israel. Os discípulos não foram repreendidos pela sua cegueira. Em outras ocasiões, Lucas não tem medo de relatar a lentidão dos apóstolos em compreender a verdade, quando é apropriado. Antes eles não podiam aceitar que o Messias deveria morrer: "*E eles nada disto entendiam*" (*Lucas 18:34*). Em *Atos 1:6*, porém, a pergunta deles reflete uma expectativa que era simplesmente o resultado natural da instrução detalhada sobre o reino que haviam recebido de Jesus. A esperança de um reino davídico restaurado era evidentemente parte do judaísmo e da visão comum de Jesus sobre o futuro. Na verdade, à medida que a escatologia e a teologia do reino de Lucas foram submetidas a um exame minucioso, o seu judaísmo tornou-se cada vez mais evidente. Os resultados desta descoberta ainda não chegaram ao púlpito, muito menos aos bancos da igreja. Mas deveriam lançar uma revolução na nossa compreensão de Jesus e do seu Evangelho.

Conzelmann observou que a esperança da restauração do reino a Israel não encontrou a menor correção de Jesus:

> *Atos 1:6* fala da restauração do Reino a Israel. Não é a esperança de que isso aconteça, mas apenas a tentativa de calcular quando isso acontecerá. **[20]**

Haenchen juntou a sua voz àqueles que viam a necessidade de esclarecer aos discípulos a antiga acusação de cegueira espiritual:

> Os reunidos - Lucas dá a entender que não apenas os apóstolos estavam presentes - perguntam se Jesus restaurará agora o reino a Israel. A pergunta não pretende mostrar a ignorância dos discípulos, mas antes oferece uma oportunidade para esclarecer um problema muito importante. Os primeiros cristãos consideravam o derramamento do espírito como um sinal de que o fim do mundo estava próximo (*apokathistemi*, de *Malaquias 3:32*, LXX em diante é um termo técnico em escatologia: o estabelecimento de Deus da ordem correta no final). de tempo [sic] (Compare, TDNf, I, 386 et seq.) [**21]**

Reino de Deus

Vários estudos importantes da teologia de Lucas continuaram a esclarecer o significado de termos-chave nos escritos de Lucas. **[22]** Entre eles, o mais importante é o reino de Deus. O interesse na restauração do

reino a Israel não deve ser atribuído a um lamentável fracasso por parte dos discípulos. É um elemento essencial no que Lucas quis dizer com reino de Deus.

Tomando *Atos 1:6* como sinal, podemos ver que a esperança de Lucas para o futuro está completamente alinhada com o messianismo davídico apresentado pela profecia hebraica. Isto não é questionado em nenhum lugar do Novo Testamento e está limitado a outras partes dos escritos de Lucas. Os meios pelos quais a desejada restauração de Israel será alcançada obviamente receberam uma nova reviravolta quando Jesus anunciou a sua própria morte e ressurreição e quando o Israel da sua geração não reconheceu o seu Messias. O ponto principal de Lucas, contudo, é que a promessa de redenção de Deus em Israel e Jerusalém não ocorreria até que o Messias passasse pela morte, ressurreição e por um período de exaltação à direita do Pai. Depois disso ele retornará para realizar todo o programa de restauração previsto pelos profetas (*Atos 3:21*).

Jesus e o programa messiânico

A esperança do Novo Testamento, resumida na pergunta dos discípulos em *Atos 1:6*, baseia-se no fato de que Jesus veio para cumprir as promessas feitas aos pais (*Romanos 15:8*). A primeira coisa dita sobre Jesus é que ele está destinado a suceder ao seu ancestral Davi no trono e governar a casa de Jacó para sempre (*Lucas 1:32, 33*). Esta afirmação é um resumo preciso da esperança messiânica que permeia os profetas e os salmos. Era a expectativa predominante entre os contemporâneos de Jesus. **[23]** Lucas não diz que Jesus já assumiu uma posição no trono de Davi. Fecha o período do ministério do Messias na terra, regressando ao tema davídico anunciado por Gabriel antes da conceição de Jesus. Ele regista a aprovação de Jesus à esperança da restauração de Israel, observando que ela ocorrerá no futuro. Ao relatar a pergunta dos discípulos sobre quando ocorrerá a restauração, ele nos permite saber que Jesus distingue entre a vinda imediata do Espírito no Pentecostes – "*não muito depois destes dias*" (*Atos 1:5*) – e a restauração do reino para Israel, o que ocorrerá em um tempo desconhecido (Atos 1:7). Mais luz é lançada sobre o momento esperado do cumprimento da profecia do Antigo Testamento num sermão proferido por Pedro logo após o Pentecostes. Em resposta à objeção bastante razoável de que o desaparecimento de Jesus no céu não parece avançar o programa messiânico na terra, Pedro explicou que "*O qual convém que o céu contenha* [ao Messias]*até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio*" (*Atos 3:21*). O período que Israel deve esperar é também um tempo de alívio (*anapsuxs es*, *Atos 3:19*) que será introduzido pela vinda do Messias. Não devemos ignorar a importante conexão entre a "*apokatastasis*" ou restauração prometida para a futura "*Parousia*" e o verbo relacionado encontrado na pergunta anterior dos discípulos: "*Senhor, restaurarás* [*apokathistaneis*] *tu neste tempo o reino a Israel?*" À luz deste versículo, é improvável que Lucas pretenda dizer que o assento de Jesus à direita do Pai marca o restabelecimento do trono de David. Lucas fez anteriormente uma distinção cuidadosa entre a vinda imediata do Espírito (*Atos 1:5*), consequente da ascensão, e a vinda ainda futura do reino davídico. (*Atos 1:6, 7*).

Lucas quer que compreendamos que os grandes temas davídicos previamente anunciados pelo anjo e profetizados por Maria, Zacarias e Simeão (*Lucas 1:46-55, 68-79; 2:25-32*) ainda aguardam cumprimento na "*Parousia*". A restauração prometida é o tema das declarações carismáticas que acompanharam o nascimento de Jesus. Os destinatários destas visões proféticas eram os fiéis da comunidade messiânica. Eles não eram judeus que não entendiam a escatologia cristã. A própria esperança de restabelecer o trono de David continua a ser um tema quente para os apóstolos de Jesus pouco antes da sua ascensão. A expectativa cristã bíblica é a renovação na "*Parousia*" do reino davídico para que Israel possa servir ao Senhor "*todos os dias da nossa vida*" (*Lucas 1:74, 75*) e ser guiado para uma paz que nunca experimentaram (*Lucas 1:79*) . O "*Magnificat*" e o "*Benedictus*" são de extrema importância como expoentes da escatologia cristã. O futuro é expresso em tempos passados proféticos. É claro que antes do nascimento de Jesus, Israel ainda não tinha sido "*libertados da mão de nossos inimigos*" (*Lucas 1:74*). Nem os justos foram exaltados para governar no lugar dos poderosos que seriam depostos (*Lucas 1:52*). O Novo Testamento espera que estes

eventos messiânicos sejam cumpridos com o retorno de Cristo (compare *Mateus 19:28; Atos 3:21* e especialmente *Apocalipse 11:15-18*).

A Perspetiva Messiânica de Lucas

Os cânticos de Maria e Zacarias são declarações inspiradas que não tratam da carreira imediata de Jesus ou da sua morte e ressurreição, mas antes olham para a "*Parousia*", que, segundo Lucas, é o tempo da redenção de Israel. Para Maria e Zacarias, o nascimento de Jesus garante o tão esperado objetivo futuro de toda a profecia: o estabelecimento da paz universal sob o governo do Messias, o prometido herdeiro do trono de David.

Quando vários termos-chave de Lucas são reunidos, obtemos uma imagem coerente de um futuro escatológico que confirma a visão da profecia do Antigo Testamento. **[24]** Os justos aguardam ansiosamente (*prosdechomai*) a consolação (*paraklesis*) de Israel (*Lucas 2:25*), que ainda não havia ocorrido no momento da crucificação, pois José de Arimateia ainda aguarda (*prosdechomai*) o reino de Deus (*Lucas 23:51*). A linguagem paralela mostra que Lucas espera que a vinda do reino envolva a restauração de Israel. Os do restante justo, que usufruem a inspiração do 'espírito santo', partilham esta esperança. Zacarias aguarda a redenção (*lutrosis*) (*Lucas 1:68*) de Israel, que para Ana, a profetisa, é a redenção (*lutrosis*) de Jerusalém (*Lucas 2:38*). A esperança é definitivamente territorial e está ligada a Jerusalém como centro do reino esperado.

A esperança expressa através de Maria e Zacarias como porta-vozes do Espírito Santo não foi cumprida na crucificação porque os discípulos ainda procuravam Jesus para redimir (*lutrosthai*) Israel (*Lucas 24:21*). A sua esperança de libertação nacional não é repreendida por Jesus e reaparece em *Atos 1:6* depois de os discípulos terem recebido ensinamentos mais extensos sobre o reino do Messias ressuscitado (*Atos 1:3*). A restauração final de Israel é certa, como um evento muito diferente da vinda do espírito no Pentecostes. É prerrogativa do Pai determinar quando isso acontecerá, pois ninguém sabe o dia da vinda do Filho do Homem com o poder do seu reino. Jesus não nega que alcançará a restauração de Israel, mas simplesmente indica que não cabe aos seus discípulos saber a hora do evento (*Atos 1:7*), assim como o próprio Jesus não sabia o dia de sua futura vinda. (*Marcos 13:32*).

Lucas fornece mais informações em sua versão do discurso apocalíptico. Jerusalém será pisoteada até que os tempos dos gentios se cumpram (*Lucas 21:24*). A implicação é que Jerusalém, como capital do reino do Messias, não permanecerá sob o controle dos gentios indefinidamente. Quando os tempos do domínio dos gentios, um período relacionado com a visão de Daniel da opressão pagã da terra santa (Daniel 8:13), tiverem acabado, terá chegado o tempo da redenção de Jerusalém. Lucas descreve exatamente o mesmo esquema quando adia a manifestação do reino em Jerusalém até o momento em que o nobre, que primeiro deve partir para um país distante, retorna para reinar no reino que até então já havia obtido (*Lucas 19:11-27*).

A base do Antigo Testamento para toda esta perspetiva escatológica é clara. *Isaías 1:26* promete uma restauração dos administradores de Israel "*desde a antiguidade*", enquanto *Isaías 63:16, 17* insta Deus a Voltar, "*por amor dos teus servos, às tribos da tua herança*" [Comparar com o *Salmo 122:3-5*]. **[25]** O teu povo santo possuiu o teu santuário por pouco tempo. Os nossos adversários pisaram-no. **[26]** *Isaías 65:9* e seg., juntamente com uma série de outras profecias hebraicas, promete uma grande restauração da terra de Israel com uma nova Jerusalém.

Os principais termos escatológicos de Lucas têm as suas raízes em várias outras passagens do Antigo Testamento. *Isaías 52:9, 10* fala do conforto e da redenção de Israel na altura em que Deus revela o Seu braço santo e todos os confins da terra veem a salvação de Deus. *Isaías 49:6* descreve a recuperação da diáspora de Israel. O ponto importante é que Lucas espera que a restauração ocorra completamente na "P*arousia*". A "*apokatastasis*" (*Atos 3:21*), que trará a restauração para Israel (*Atos 1:6*), coincidirá com a

vinda de Jesus, quando, ao mesmo tempo, os discípulos aceitarem "*evantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção* [*apolutrosis*] *está próxima*" (*Lucas 21:28*), que é apenas uma outra forma de dizer que "*o reino de Deus está perto*" (*Lucas 21:31*).

As frases lucanas equivalentes podem ser resumidas da seguinte forma:

> A vinda do reino apocalítico (*21:31*) = a redenção dos discípulos (*21:28*) = a redenção em Jerusalém (2:35) = a redenção de Israel (*24:21*).
>
> O reino futuro esperado (*23:51*) = a consolação esperada de Israel (*Lucas 2:25*).
>
> A restauração do reino a Israel (*Atos 1:6*) = os tempos da restauração de tudo o que foi prometido pela boca dos profetas (*Atos 3:21*) = a restauração da casa de David prometida pela boca dos profetas (*Lucas 1:70*).

Comentário contemporâneo de *Atos 1:6*

Felizmente, os comentadores recentes já não são defensivos ao admitir o forte sabor político do cristianismo de Lucas.

R. Tannehill afirma:

> João e Jesus são apresentados como cumprindo as esperanças da redenção de Israel e Jerusalém. Jesus é o Messias davídico (*Lucas 1:32, 33, 68, 69*), que trará liberdade política ao povo judeu (*1:71, 73, 74*). **[27]**

O autor salienta que:

> O narrador entende que as Escrituras prometem um reino messiânico para Israel, que será um tempo de paz e de libertação dos opressores. Esta promessa é reconhecida como válida, bastando que Israel aceite o seu Messias. **[28]**

Tannehill explica que o tema de Lucas sobre a redenção de Israel continua a aparecer como uma esperança futura, mesmo depois da crucificação. A escatologia não perdeu nada da sua orientação judaica do Antigo Testamento. Continua a estar ligada à recuperação e à reinstalação de Israel na terra:

> "Esperávamos que fosse ele a redimir Israel". Trata-se, mais uma vez, da redenção de Israel. Esta esperança é reavivada pela ressurreição de Jesus, que leva os discípulos a perguntarem: "*Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?*" (*Atos 1:6*). Esta pergunta não se limita a mostrar a cegueira dos seguidores que ainda não receberam o Espírito. Jesus corrige a sua curiosidade sobre os tempos, mas não rejeita a possibilidade de um reino restaurado para Israel, e Pedro, depois de ter recebido o Espírito, mantém ainda a esperança da "*restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio*" (*Atos 3:21*). **[29]**

De particular interesse é o facto de *Lucas 1:70* e Atos 3:21 conterem a frase abrangente, "que *Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio*". Numa breve declaração, o escopo completo da profecia hebraica é explicado. trazido diante de nós. As promessas de um Messias real que sucederá ao trono de David e trará a libertação a Israel e a Jerusalém estão ainda à espera de serem cumpridas na "*Parousia*". As palavras de Jesus têm o mesmo efeito. Os discípulos devem aguardar a sua própria redenção e a vinda do Reino no regresso do Messias (*Lucas 21:28, 31*). Os grandes acontecimentos que marcam o restabelecimento do reino davídico não se cumprem quando o Espírito é derramado e, por conseguinte, não se aplicam à igreja neste momento, antes do regresso de Cristo. A ausência do Messias no céu é temporária

e se estende até o fim da era atual. Chegará então o momento da realização da esperança que percorreu como um fio de ouro as Escrituras hebraicas e os Evangelhos. O relato de Lucas sobre as declarações proféticas de Maria, Zacarias e Simeão constituem um fundamento precioso para a esperança cristã, enquanto a "*Parousia*" for adiada. O anúncio inicial de Gabriel sobre a restauração do trono de David e a pergunta final dos discípulos sobre a restauração de Israel abrangem todo o relato de Lucas sobre a fé cristã.

Num exame cuidadoso dos pressupostos escatológicos de Lucas, *Arthur Wainwright* salienta que Lucas demonstra um conhecimento considerável da tradição judaica. A escatologia de Lucas ...

> ... manteve a influência do judaísmo ... Lucas estava profundamente preocupado com o futuro de Israel ... Lucas parece esperar um tempo em que Israel será restabelecido. As suas referências à restauração e redenção de Israel fornecem uma chave para os seus pressupostos teológicos ... Esta redenção seguir-se-á ao regresso do Filho do Homem. **[30]**

Os leitores modernos da Bíblia muitas vezes não partilham a perspetiva de Lucas e, por isso, ignoram a riqueza da esperança messiânica que é central no relato de fé de Lucas. A questão premente é saber se a Igreja não terá abandonado um elemento central da fé do Novo Testamento ao considerar os primeiros capítulos de Lucas pré-cristãos. As acusações vociferantes do comentário (exemplos citados acima) de que os apóstolos foram lamentavelmente lentos a ultrapassar as suas visões políticas judaicas do reino podem simplesmente revelar até que ponto nos afastámos de uma compreensão do reino de Deus no Novo Testamento. Um dos principais objetivos de Lucas era ensinar-nos a escatologia cristã. Nós rejeitámos grande parte dela e reivindicamos uma compreensão mais elevada que rotulamos de "espiritual", em oposição à visão do futuro baseada no hebraico de Lucas, que consideramos intoleravelmente judaica. *Gresham Machen*, na sua análise dos primeiros capítulos de Lucas, falou da "ausência de ideias especificamente cristãs no "*Magnificat*" e no "*Benedictus*", a ausência de referências a acontecimentos da vida de Jesus". **[31]** Ele explicou a inclusão desses cânticos messiânicos por Lucas dizendo que eles apontam para uma época em que a esperança messiânica ainda era expressa nos termos da profecia do Antigo Testamento. [Os cânticos de Maria e Zacarias] foram produzidos numa época em que a profecia do Antigo Testamento ainda não tinha sido explicada pelo seu cumprimento. **[32]**

Mas Lucas pensa diferente. Estas primeiras canções cristãs declaram eventos messiânicos futuros que permanecerão por cumprir enquanto Jesus estiver ausente no céu. Aos olhos da fé, estes grandes acontecimentos parecem ter-se cumprido ainda antes do início do ministério de Jesus na Palestina, pois estão certos no desígnio divino. No entanto, uma teoria desastrosa de escatologia exagerada interpreta-as erroneamente como cumpridas na ressurreição e ascensão de Jesus. Mas Lucas ainda ansiava pela restauração e libertação política final de Israel na "*Parousia*". Não abandonou uma leitura natural dos profetas, embora grande parte da tradição cristã transmutou a esperança óbvia dos profetas na restauração de Israel na terra e aplicou-a agora à igreja. É necessário redescobrir o elemento territorial da salvação. **[33]**

Raymond Brown também descobre que "não há nada distintamente cristão nas palavras de Gabriel nos *versículos 32-33* de *Lucas 1*, exceto que o Messias Davídico foi identificado com Jesus. **[34]** Por outro lado, Lucas estava documentando a fé cristã e apresentando uma visão da escatologia que precisa ser recuperada para que nossa afirmação de acreditar no papel não-nativo das Escrituras seja genuína. Os cristãos apostólicos não rejeitaram a esperança judaica do Antigo Testamento de que a paz na Terra seria alcançada por um novo império mundial centrado em Jerusalém. Lucas compreende assim o futuro do reino de Deus. Descreve uma fé que é universal em sua abrangência, mas centrada na esperança de Israel, no destino de Jerusalém e no restabelecimento final do trono de Davi.

A pergunta dos discípulos em *Atos 1:6* é o clímax de uma série coerente de declarações sobre o futuro reino de Deus em Lucas/Atos. Desde o início do evangelho Lucas apresenta o reino de Deus como messiânico e davídico. A raiz do conceito de reino encontra-se na aliança feita com Abraão, da qual a aliança davídica é uma extensão. A restauração do reino a Israel na "*Parousia*" é o horizonte último da esperança

cristã. Se deixarmos de lado a influência espiritualizante e mística de Orígenes, tão profundamente enraizada na tradição cristã, e considerarmos a possibilidade de que a fé original deva ser lida em termos dos seus próprios pressupostos messiânicos hebraicos, não será difícil ver que Lucas espera que Israel e a terra **[35]** sejam o cenário de uma teocracia davídica restaurada. Isto é exatamente o que esperaríamos de uma comunidade dedicada à mensagem dos profetas, para quem o Messias e o reino de Deus eram conceitos intensamente políticos, mas não desprovidos de espiritualidade.

Quando o reino de Deus é redefinido como "céu" para as almas dos que partiram ou como sinônimo de igreja ou programa social, ou mesmo as esperanças sionistas deste lado da "*Parousia*", é improvável que o evangelho bíblico do reino possa ser ouvido em termos que fazem sentido em seu próprio contexto judaico. **[36]** O evangelho cristão apresenta a salvação dos pecados para os indivíduos, mas a salvação está ligada à futura renovação da terra e a um reino centrado em Jerusalém. A mensagem central de Jesus foi a aproximação do reino de Deus, para o qual os homens devem preparar-se urgentemente. Com que fidelidade este Evangelho nos foi transmitido? Uma resposta positiva é quase impossível. Uma história recente da doutrina do reino de Deus **[37]** sugere que o reino não recebeu nada parecido com a atenção que goza no Novo Testamento como o coração do evangelho da salvação de Jesus. Além disso, sofreu uma reinterpretação drástica quando foi forçado a apoiar várias agendas criadas pelo homem, não relacionadas com o reino messiânico ou reduzidas a um reino interior no coração.

Falando do uso indevido de *Lucas 17:21b* ("*o reino de Deus está entre vós*") como forma de obscurecer a ênfase muito maior no futuro do reino, *B. T. Viviano* diz:

> Infelizmente, este versículo tem sido abusado ao longo da história e levou a uma interpretação excessivamente espiritual, despolitizada e depois banalizada do Reino. É um erro fazer deste versículo o ponto de partida da nossa compreensão do Reino na proclamação de Jesus. **[38]**

Atos 1:6 e a descoberta da escatologia bíblica

Atos 1:6 é um texto valioso como ponto de partida para a recuperação da teologia do reino no Novo Testamento. Até recentemente, este versículo tinha sido descartado porque não parecia concordar com o que pensávamos que o reino de Deus deveria ser. Em 1924, *A. F. Macinnes* examinou o reino de Deus conforme descrito nos escritos apostólicos. **[39]** Num breve comentário sobre *Atos 1:6* ele descarta os apóstolos como testemunhas não confiáveis da natureza do reino:

> No início de Atos vemos que os Apóstolos ainda mantinham a sua conceição errônea do Reino de Deus. Após a ressurreição, foi perguntado a Jesus quando ele restauraria o Reino a Israel (*Atos 1:6*); Eles estavam pensando em um Reino terreno. **[40]**

Ramsay Michaels apontou o problema de longa data refletido na atitude antagônica dos comentaristas quando escreveu:

> A tendência de muitos estudos cristãos tem sido minimizar o caráter judaico ou étnico da visão de Jesus do Reino de Deus com a obsessão de que ele não tinha interesse em um reino político, ou em um que pudesse ser estabelecido pelo poder militar ou pela rebelião contra Roma. A suposição tácita é que apolítico significa não-nacionalista, o que por sua vez significa não étnico ou judaico, mas "espiritual" e "universal". Na realidade, o Reino de Deus na expectativa judaica era ao mesmo tempo espiritual e nacional, universal e étnico... Depois da ressurreição, segundo o Livro dos Atos, os discípulos de Jesus perguntaram-lhe (mesmo depois de ele os ter instruído durante quarenta dias após o Reino de Deus): "*Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a*

Israel?" (*Atos 1:6*) A resposta de Jesus não dá nenhuma indicação de que esta expectativa nacionalista fosse de alguma forma errônea ou equivocada, apenas que o tempo da restauração foi estabelecido exclusivamente pela autoridade de Deus. **[41]**

Propomos que os comentadores adotem por um momento a mentalidade dos apóstolos e se permitam a liberdade de assumir que estes discípulos de Jesus sabiam de facto exatamente do que estavam a falar. Tal experiência poderia revolucionar a nossa compreensão da dinâmica de todo o Novo Testamento. Um reino que é 'espiritual' não tem de significar um reino que não pode aparecer na "*Parousia*" localizada em Jerusalém, com o novo David como seu governante na companhia dos santos ressuscitados (Compare, *Daniel 7:14, 18, 22, 27; Lucas 22:28-30; 1 Coríntios 6:2; 2 Timóteo 2:12; Apocalipse 2:26; 3:21; 5:10; 20:1-6*), e abençoando o mundo inteiro com uma Foi um período de prosperidade e segurança incomparáveis. Por que algo assim deveria ser considerado incrível quando os profetas e salmistas aguardavam ansiosamente a reunião das tribos na terra e cantavam sobre o glorioso reinado vindouro do Messias na terra? Quando a nuvem de confusão sobre a escatologia se dissipar e quando os comentaristas acreditarem no que o Novo Testamento diz sobre o futuro, ficará claro que *Atos 1:6* é um texto que julga a nossa incapacidade de acreditar nos profetas e a nossa relutância em aceitar que os apóstolos sabiam melhor do que nós o que Jesus quis dizer com reino de Deus.

Os leitores da Bíblia estão acostumados a ouvir as partes do texto que se ajustam às ideias recebidas. Outros elementos da mensagem podem ser rejeitados inconscientemente porque não são familiares. A sugestão deste ensaio é que a concentração cristã na salvação individual agora e na morte interferiu seriamente com a enorme ênfase do Novo Testamento no reino de Deus a ser introduzido na "*Parousia*". Face ao atraso da "*Parousia*", a igreja parece ter perdido a coragem de acreditar naqueles elementos do evangelho que prometem coisas boas que estão por vir.

Dadas as óbvias implicações sociais e políticas do "*Magnificat*" e de *Atos 1:6*, os expositores recorreram a várias maneiras de contornar o texto. Uma técnica é oferecer uma interpretação espiritualizante. A segunda é ler o texto como uma autorização de Acão política ou social deste lado da "*Parousia*". Uma terceira solução é sustentar que as atitudes revolucionárias anteriores são modificadas ou mesmo corrigidas por desenvolvimentos posteriores nos ensinamentos de Jesus. Esta terceira maneira de contornar a dificuldade falha na evidência de *Lucas 21:24* e particularmente em *Atos 1:6* e *3:21*. Embora seja claro que o Jesus histórico não empreendeu nenhuma ação revolucionária na esfera política, isso não significa que uma revolução política não esteja prevista na "*Parousia*". É para este evento que *Lucas 24:21, Atos 1:6* e *3:21* apontam muito claramente. É fatal para uma compreensão adequada do reino de Deus rejeitar a evidência de *Atos 1:6*, alegando que os discípulos não partilhavam a nossa perceção do que o reino deveria ser. Uma vez permitido que *Atos 1:6* e outros versículos politicamente carregados sirvam como testemunho do futuro reino como um governo mundial confiado ao retorno de Jesus e dos santos, uma torrente de luz é lançada sobre a escatologia bíblica.

É importante notar que um reino que envolva a restauração de Israel à terra não é nem mundano nem secular, pois será um reino nas mãos do próprio Messias. A sugestão de que a atividade de Jesus como pregador e curador não violento é mais "espiritual" do que a sua implementação de um governo mundial no trono de David estabelece uma falsa dicotomia. Lucas e o Novo Testamento em geral apresentam-nos um Jesus que é ao mesmo tempo o Messias sofredor e o Messias conquistador que traz o reino com poder na "*Parousia*". Nosso problema é que temos lido o Novo Testamento como se não fosse um documento messiânico no sentido indicado por *Atos 1:6* (compare com *Apocalipse 11:15-18; Lucas 19:11 e* seg.). na escatologia da alma individual. Lucas quer que esperemos pela restauração do trono de Davi e de Israel na terra. É necessária uma nova orientação da escatologia bíblica.

Jesus demonstrou o poder do reino futuro em seu ministério. Os poderosos, porém, não foram derrubados dos seus tronos, os humildes não foram substituídos e Jesus não ascendeu ao trono de David. Nem o reino de Deus foi restabelecido em Israel. Lucas tem o cuidado de nos dizer que o derramamento do

espírito na ascensão, embora promova o programa messiânico, não é o cumprimento da prometida restauração de Israel. Até esse momento, o Espírito como o "*Espírito Santo da promessa*" (*Efésios 1:13*) é dado como um sinal de algo muito maior, a saber, a nossa futura herança do reino.

É uma interpretação errada de o evangelho de Jesus pensar que o conteúdo da sua mensagem se limita aos acontecimentos que tiveram lugar na Galileia, e que o evangelho também não se completa com a morte e ressurreição de Jesus. O evangelho cobre o amplo espectro da história da salvação, incluindo o importantíssimo reino que será estabelecido na "*Parousia*". Definir datas para esse evento é impossível. Dar a conhecer os acontecimentos do futuro faz parte da tarefa de transmitir fielmente o evangelho. A apresentação da visão bíblica do futuro, incluindo as informações fornecidas por *Atos 1:6*, esclarece o significado da esperança que Paulo vê como uma base sólida para o desenvolvimento da fé e do amor (*Colossenses 1:5*; compare, *Efésios 1:18*). *Atos 1:6* não representa um declínio na espiritualidade de Jesus, mas é parte integrante da expectativa espiritual total do reino para a qual Lucas e os escritos do Novo Testamento apontam. *Atos 1:6* reflete a compreensão madura dos discípulos que estiveram com Jesus.

É valioso refletir novamente sobre como Calvino e toda uma tradição de exegese abordaram *Atos 1:6*. **[42]** A lição que devemos aprender é que o testemunho apostólico sobre o reino é para a nossa correção. Durante demasiado tempo a Igreja rejeitou um conceito de Reino que é estranho ao nosso pensamento, mas não ao dos apóstolos, que viram mais claramente do que nós o que significa acreditar em Jesus como o Messias. O Jesus de Lucas é herdeiro do trono de David em Jerusalém, restaurador do reino de Israel e garante da paz mundial na terra, perspetiva prefigurada na sua atividade espiritual na Palestina.

Resumo

A antipatia dos comentadores bíblicos pela noção do reino de Deus como uma restauração da soberania de Israel reflete uma falta de compreensão de um elemento importante da escatologia bíblica. *Atos 1:6* é o culminar de uma série de textos de Lucas que apontam para a expectativa de que Jerusalém e a terra de Israel serão restauradas sob o reino do Messias. O elemento territorial da salvação, destacado nos profetas hebreus, não é abandonado no Novo Testamento. Contudo, a tradição cristã, ao centrar-se na escatologia da alma individual, tendeu a eliminar a esperança do Novo Testamento de uma restauração política e social de Israel. Visto que o próprio evangelho se concentra no reino de Deus, a perda de clareza sobre o que os apóstolos esperavam como o reino futuro leva a um evangelho incompleto. O tratamento que os comentaristas dão a *Atos 1:6* é sintomático de uma antipatia subjacente em relação aos elementos judaicos messiânicos na pregação do Novo Testamento. Um novo governo em Jerusalém não é uma esperança mundana ou secular, pois será administrado pelo regresso de Jesus e dos santos.

Notas Finais

[1] "*The Acts of the Apostles*" (Os Atos dos Apóstolos) (Edimburgo: The Saint Andrews Press), 1955, 3.

[2] Ibid., 4.

[3] Ibid.

[4] Compare: "*Expositor's Bible Commentary*" (Comentário Bíblico do Expositor), ed. Frank Gaebelein (Zondervan, 1981), Vol 9, 256: "A pergunta que os discípulos fizeram reflete as brasas

de uma esperança outrora ardente de uma teocracia política em que eles seriam líderes... Mas, embora as palavras [de Jesus] sobre a ação do Espírito Quando a sua vinda reacendeu nos discípulos a sua velha esperança nacionalista, Jesus tinha outra coisa em mente". O comentário descreve a pergunta como "errada".

[5] "*Philadelphia: Lippincott and Co.*" (Filadélfia: Lippincott e Cia.), 1868.

[6] "*Commentary on Acts, 2, 3*" (Comentário sobre Atos, 2, 3).

[7] "*Critical and Exegetical Handbook to the Acts of the Apostles*" (Manual Crítico e Exegético dos Actos dos Apóstolos) (Winona Lake: Alpha Publications), J.979, 27-28.

[8] "*Acts*" (Atos), Ed., Spence e Exell, exposição de A. c. Hervey. Hervey (Chicago: Wtlcox and Follett), 1880-1897. O mesmo comentário sobre *Lucas 1:32, 33* (1889) reconhece que Jesus não herdou o trono de Davi da maneira predita por Gabriel.

[9] Republicado por Eerdmans, 1950, "*Commentary on Matt. 19:27*" (Comentário sobre Mateo 19:27), 251.

[10] "*Calvin's Commentaries, Acts of the Apostles*" (Comentários de Calvino, Atos dos Apóstolos), ed. D. W. Torrance y T. F. Torrance. D. W. Torrance y T. F. Torrance (Grand Rapids: Eerdmans), 1965, 25.

[11] "*London: Routledge*" (Londres: Routledge), Wame y Routledge, 1863, 4.

[12] "*Oxfurd*": Clarendon Press, 1923, 132.

[13] Ibid., 156.

[14] *"The* Kingdom of God" (O Reino de Deus) (Nueva York: Ahingdon Press), 1953.

[15] Ibid., 93.

[16] Ibid., 168.

[17] "*I Believe in the Resurrection*" (Eu acredito na ressurreição) (Hodder y Stoughton), 1975, 97.

[18] Ibíd.

[19] Ibid.

[20] "*The Theology of St. Luke*" (A Teologia de São Lucas) (Nova Iorque: Harper and Row), 1960, 163.

[21] "*The Acts of the Apostles*" (Os Atos dos Apóstolos), (Filadélfia: The Westminster Press), 1971, 143.

[22] Por exemplo, G. A. Krodel, "Acts, Ausburg Commentary on the New Testament" (Atos dos Apóstolos, Comentário de Augsburgo sobre o Novo Testamento) (Minneapolis: Augsburg Publishing House), 1986. Robert Tannehill, "The Narrative Unity of Luke-Arts, A Literary Interpretation" (A Unidade Narrativa de Lucas-Arts, Uma Interpretação Literária) (Minneapolis, Fortress Press), 1990.

[23] Como demonstram, por exemplo, "*The Psalms of Solomon*" (Os Salmos de Salomão) 17,18.

[24] Nomeadamente, os temas anunciados por *Isaías 40-66*.

[25] O tema do conforto de Jerusalém reflete as promessas de *Isaías 40:1; 49:13; 51:3; 52:9; 57:18; 66:11, 13*. A redenção de Jerusalém é prevista em *Isaías 43,1; 44,23; 51,11; 52,3; 63,4* (lutrose,

LXX). A restauração é esperada em *Isaías 1:26; 49:6, 8; 52:8; 58:12*. Comparar com *Jeremias 27:22; 3:17-19*. A vinda do reino é evidentemente o mesmo evento e é esperada em *Isaías 52:7*, "Teu Deus reina", onde o "*Targum*" diz: "O reino de Deus é revelado".

[26] Compare, *Zacarias 12:3* (LXX): "Todos os que espezinham Jerusalém zombarão dela". A profecia é repetida em Apocalipse 11,2: "Pisarão a cidade santa durante 42 meses".

[27] "*Narrative Unity*" (Unidade Narrativa), 19.

[28] Ibid., 34.

[29] Ibid., 35.

[30] "*Luke and the Restoration of the Kingdom to Israel*" (Lucas e a Restauração do Reino a Israel), Expository Times, 89,

1977-78, 76-79.

[31] "*The Virgin Birth of the Messiah*" (O nascimento virginal do Messias) (Harper and Row), 1930, 97.

[32] Ibid., 97-98.

[33] For excellent insights into New Testament eschatology in the light of its Hebrew background, see G. w. Buchanan, "*The Consequences of the Covenant*" (As consequências da aliança) (Leiden: Brill), 1970. "Jesw, the King and His Kingdom" (Jesus, o Rei e Seu Reino) (Macon: Mercer University Press), 1984.

[34] "*The Virgin Birth of the Messiah*" (O nascimento virginal do Messias) (Londres: Geof&ey Cbapman), 1977, 311

[35] et: *Mateus 5:5; Apocalipse 5:10*

[36] A teologia da libertação capta o espírito da visão de Lucas da liberdade política, mas tenta fazer acontecer agora o que o Novo Testamento não espera antes da "*Parousia*". 37 *B. T. Viviano*, "*The Kingdom of God in History*" (O Reino de Deus na História) (Wilmington: Michael Glazier), 1988.

[38] Ibid., 27.

[39] "*The Kingdom of God in the Apostolic Writings*" (O Reino de Deus nos escritos apostólicos) (Londres: James Clark), 1924.

[40] Ibid., 92.

[41] "*The Kingdom of God in 2O-Century Interpretation*" (O Reino de Deus na interpretação do século 2O), Wendell Willis, ed., (Massachussetts: Hendrickson), 1987, 114.

[42] et: a forma arrogante com que o Hastings Dictionary of the Bible descarta *Actos 1:6* como valioso apenas como "um pequeno toque autêntico ... uma verdadeira reminiscência do que podemos ter a certeza de que era a sua verdadeira atitude naquele momento, embora logo tenha deixado de o ser. Quando perguntaram: "Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?", os seus pensamentos corriam ainda no sulco da velha expetativa judaica. É o último vestígio deles que temos neste furor ingénuo (VdL 2, art. "Jesus Cristo"). Pelo contrário, a mesma escatologia é confirmada em Actos 3,21.